

A LAMA FILOSÓFICA EM *COMMENT C'EST*

Juan Manuel TRENZI*

CORDINGLEY, Anthony. *Samuel Beckett's How It Is: Philosophy in Translation*. Edinburgh: Edinburgh University Press, 2018.

Vasculhar os arquivos de um autor tão vasto e complexo como os do escritor irlandês Samuel Beckett é certamente um prazer para qualquer pessoa que se dedique ao ofício literário, mesmo que essa viagem pelos manuscritos se mostre inicialmente caótica e longa antes de se poder extrair algum resultado e trazê-lo a debate. Dito isso, podemos nos deleitar com o livro *Samuel Beckett's How It Is. Philosophy in Translation*, de Anthony Cordingley, professor de literatura inglesa da Universidade de Sidney. O autor imerge nos materiais de arquivo à medida que analisa as intrincadas relações que ele observa entre o livro de Beckett *Como é* (1961) e a filosofia.

Como ponto de partida, Anthony Cordingley (2018) se refere a *Como é* caracterizando-o como um enigma, não apenas por ser um dos textos mais difíceis e desafiadores de Samuel Beckett, mas também por um motivo bastante singular: o livro recebeu pouquíssima atenção por parte dos críticos. Muitas vezes, essa leitura crítica não consegue captar de maneira satisfatória o que se desenvolve na narrativa, porque se revela um texto extremamente elíptico e fragmentário. E ele é, pois potencializa o que vinha sendo feito por Beckett desde o último livro da trilogia, *O inominável* (1953). Sem dúvidas, *Como é* pode ser lido como um dos textos mais exigentes do amplo espectro literário de Samuel Beckett.

Para dar conta desse vazio na exegese beckettiana, Anthony Cordingley (2018) escolhe abordar *Como é* juntamente com o espectro fornecido pela filosofia. Seu livro, além da excelente “Introdução”, pautando quais serão os pressupostos teóricos, contém sete capítulos, cada um deles relacionado com um determinado campo da história da filosofia e da literatura, partindo desde uma reflexão acerca da antiguidade clássica grega até os filósofos contemporâneos. Estamos, portanto, diante daquilo que o próprio subtítulo do livro aponta: a filosofia traduzida ao campo literário de Beckett.

* Juan Manuel Terenzi é doutorando em Teoria Literária na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), orientado pela professora Liliana Reales, e co-orientado pelo professor Byron Vélez Escallón. Estuda a obra de Samuel Beckett. Foi bolsista CAPES PDSE desenvolvendo pesquisa nos arquivos de Beckett na University of Reading (UK).

Anthony Cordingley, para guiar a sua metodologia de pesquisa, escolhe pressupostos teóricos provenientes da filosofia francesa da segunda metade do século XX. Nomeadamente, Maurice Blanchot e Jacques Derrida. Os livros *A conversa infinita* e *O passo (não) mais além* de Blanchot são usados para aproximar aquilo que Beckett (des)opera em *Como é* com o que Blanchot define de “neutro” nessas duas obras citadas. No que concerne a Derrida, destaca-se a ideia de arquivo como um lugar onde se distorce e se esquece, desenvolvida com profundidade no livro *Mal de arquivo*, no qual o proponente da desconstrução define a função nomológica do arquivo como “a casa do poder e do comando”.

Mas o espectro crítico de Cordingley mostra-se muito mais amplo do que a menção a esses dois pensadores. O caminho se encontra com mais trilhas e atalhos com folhagens densas, como as de Alain Badiou, Ludwig Wittgenstein, Martin Heidegger, entre outros. As mais de 300 páginas do livro nos convidam a ler Beckett por intermédio dessa viagem literário-filosófica.

Antes de adentrar no mundo antigo grego, Cordingley reflete, no primeiro capítulo, denominado “Uma poética da tradução: Dante, Goethe e a Paideia”, sobre o papel que Dante possui na escrita de Beckett. Esse retorno ao século XIII para buscar em Dante uma fonte da qual Beckett teria bebido abundantemente vem ao caso para mostrar a influência que o poeta florentino teve na concepção de *Como é*, especialmente a *Divina Comédia*. No entanto, se ao começar a leitura do livro de Beckett descemos diretamente ao inferno dantesco, ao terminá-lo não temos nenhuma garantia de ascender ao paraíso, permanecemos deambulando nesse limbo sem o amparo de Virgílio ou Beatriz, como ocorre com o personagem de *Como é*: “um dia partiremos outra vez juntos e nos vi as cortinas abertas um instante algo errado aí e nos vi obscuramente tudo isso antes da pequena melodia oh muito antes nos ajudando um ao outro a ir caindo de comum acordo e ficando cingidos nos braços um do outro o tempo de partir outra vez” (BECKETT, 2003, p. 67).

Uma das ideias centrais desse primeiro capítulo está em pensar o personagem sob a perspectiva de uma dialética não resolvida, ou seja, entre o ‘um’ e os ‘muitos,’ ou melhor, entre o ‘eu’ solitário, cuja narrativa “deve ou não dever ser como é” (CORDINGLEY, 2018, p. 16) e os demais que o circundam e colidem com ele, como uma espécie de purgatório. Mas a chave dantesca não deve ser a única, nos adverte Cordingley, porque, se por um lado, essas referências servem como prototexto (*ur-text*), por outro, elas se mesclam, criando uma potência bilíngue própria do desenvolvimento do processo de escrita de Beckett. Neste ponto, Cordingley enriquece a leitura desse bilinguismo, mostrando as referências presentes nas duas línguas em que *Como é* foi redigido, ou seja, nesse movimento de autotradução efetuado por Beckett, os elementos se deslocam: “O texto bilíngue de Beckett gera uma complexa reverberação entre o seu Dante e outras fontes de origem francesa e inglesa” (CORDINGLEY, 2018, p. 17).

Os três capítulos seguintes, “Misticismo pitagórico/Sabedoria democriteana”, “O cosmo físico: dialéticas aristotélicas” e “Do berço à caverna: Uma comédia da ética desde Platão até o ascetismo cristão (via Rembrandt)” partem de uma análise da influência de Pitágoras até a emblemática caverna platônica presente no livro VII da *República*. Retrocedemos, assim, 18 séculos, e nos encontramos inseridos por completo no mundo grego que produziu importantes reflexões acerca do mundo. Beckett soube amalgamá-las em sua obra, ao fundir os mais variados filósofos no seio do seu labor narrativo literário. O livro de Cordingley contribui para essa análise, mostrando-nos como ideias tão dissímeis permitem que a literatura se faça mais potente. O autor nos lembra que Beckett fez a sua formação filosófica de maneira autodidata, como demonstram as *Philosophy Notes* que se encontram no Trinity College de Dublin. Em meio a todas essas contradições filosóficas, o livro de Cordingley se apresenta como uma importante consideração para o entendimento de que essas mesmas contradições possuem um efeito no narrador/narrado de *Como é*, já que supostamente essas mesmas contradições são as que constroem a narrativa, valendo-se – usando o jargão hegeliano proposto por Cordingley – de tese e de antítese, até a degradação total dessa mente treinada no hábito discursivo da *paideia*.

A argumentação desenvolvida por Cordingley também sugere que Pitágoras estaria presente em Beckett de forma anedótica – muito além das referências óbvias no que diz respeito a uma concepção do mundo regido pelos números, bem como da concepção pitagórica da transmigração das almas –, pois na biografia de Diógenes Laércio lemos que Pitágoras deixara o cabelo e as unhas crescerem, de modo que a referência a *Como é* e ao seu personagem de longos cabelos e de unhas compridas pode ser extraída daí.

Em “O cosmo físico: dialéticas aristotélicas”, Cordingley aprofunda a questão do cosmo aristotélico como estando refletido de alguma maneira no espaço literário de *Como é*. O autor discorre de forma bastante enfática quando assevera que Beckett não seria nem aristotélico nem estoico – de fato, Beckett não é um filósofo, portanto nenhuma corrente filosófica poderia ser-lhe atribuída –, concluindo que a predileção de Beckett residia muito mais na questão dos paradoxos e das contradições – algo mais próximo da concepção do filósofo pré-socrático Heráclito –, e que ele se valia da filosofia como uma ferramenta para o seu trabalho narrativo. Não a filosofia *per se*, mas a filosofia como potência literária, como parte digerida e integrante de todo o vasto discurso narrativo fragmentário descortinado em *Como é*.

Por sua vez, em “Do berço à caverna: Uma comédia da ética desde Platão até o ascetismo cristão (via Rembrandt)”, temos uma longa discussão desde a teoria das ideias de Platão até o ascetismo cristão via Rembrandt, como propõe o autor desde o título. Trata-se, portanto, de um dos capítulos mais interessantes, uma vez que o leque histórico se mostra extremamente amplo e com ideias que se cruzarão sem perder o foco da análise. O eixo central é a ideia de “Bem” platônica (entendida

como sendo a tarefa da filosofia), levada em consideração mais tarde pelos cristãos. Cordingley caracteriza o que ocorre em *Como é* como uma inversão de tal ideia, e isto é bastante inovador, porque não encontramos uma definição semelhante antes da publicação deste livro.

Por fim, nos últimos três subsequentes, “Caminhos místicos, para dentro”, “A língua milagrosa de Pascal” e “Spinoza, Leibniz ou um mundo ‘menos primorosamente organizado’”, há uma significativa abordagem do aspecto místico que está presente em *Como é*, desde Pascal e Spinoza até Schopenhauer, focando especificamente na noção de *Nichts*, o nada. A dissolução do eu e o empobrecimento mental são amplamente analisados, e configuram-se como uma contribuição fundamental para uma melhor compreensão do que acontece no livro de Beckett. Cordingley também discute sobre o *gap* (o oco, a fenda) do cálculo infinitesimal, fazendo uma aproximação de Beckett com o pensamento de Leibniz.

No último capítulo, “Spinoza, Leibniz ou um mundo ‘menos primorosamente organizado’”, lemos uma frase que poderia resumir bem o procedimento de leitura de *Como é*: “Ler *Como é* de perto é associar-se à intensa atividade hermenêutica geralmente atribuída à leitura da poesia, da poesia erudita, do tipo modernista” (CORDINGLEY, 2018, p. 210). Desse modo, o livro de Cordingley contribui de maneira única não apenas para todos aqueles que se interessam pela relação de Samuel Beckett com a filosofia, mas também para todo amante do pensamento crítico e agudo.

